

HUMOR MADe IN BRASIL

ROBERTO ELÍSIO DOS SANTOS
WALDOMIRO VERGUEIRO

RESUMO

Discute a importância da revista *MAD* nas histórias em quadrinhos e do humor gráfico. Analisa a trajetória da edição brasileira da revista *MAD*, discutindo as temáticas abordadas na publicação. Propõe que a preocupação com a realidade nacional como objeto de humor foi a grande razão do sucesso dessa revista no país.

Palavras-chave: Humor - revista *MAD* - produção brasileira

ABSTRACT

Discusses the importance of *MAD* Magazine in the comics and graphic humor. Analyses the trajectory of the Brazilian edition of the *MAD* magazine and discusses the subjects dealt with by the publication. Proposes that the main reason for the success of that magazine in Brazil is the use of the national reality as object of humor.

Keywords: Humor - *MAD* magazine - Brazilian production

SOBRE OS AUTORES

Roberto Elísio dos Santos. Livre-docente pela Universidade de São Paulo, professor do Programa de Pós-graduação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e vice-coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Waldomiro Vergueiro. Professor titular, fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP.

HUMOR MADe IN BRASIL

ROBERTO ELÍSIO DOS SANTOS

WALDOMIRO VERGUEIRO

INTRODUÇÃO

MAD é uma das mais populares revistas de humor gráfico e quadrinhos do mundo. Seu modelo de humor gerou muitos seguidores, com versões da revista sendo publicadas em várias partes do mundo, como Argentina, Canadá, Alemanha, México, Holanda, entre outros. Muitas delas continuam a ser publicadas.

No Brasil, a revista existe desde a década de 1970, publicada quase que ininterruptamente, por diferentes editoras. Inicialmente, concentrava-se na tradução da original norte-americana, mas aos poucos se abriu para os artistas do país, que passaram a enfocar temas locais e inseriram na publicação o senso de humor, os valores brasileiro e a cultura verde-amarela. Este artigo procura refletir sobre o trajeto e as características da *MAD* brasileira, buscando mostrar como esta se dedicou à sátira dos principais aspectos da realidade do país, atingindo, assim, popularidade e longevidade.

A REVISTA “MAD”

Pioneiro das revistas de histórias em quadrinhos (*comic-books*) nos Estados Unidos, Max Gaines viu o potencial de mercado dos quadrinhos ao criar, em

1933, uma edição promocional distribuída como brinde, intitulada *Funnies On Parade*. No ano seguinte, lançou a revista *Famous Funnies*, com tiras já publicadas em jornais.

Logo, editores de *pulp magazines* - revistas de contos policiais, de aventura ou ficção científica - lançaram revistas de histórias em quadrinhos. Em 1935, surgiu a primeira publicação com histórias inéditas, *New Comics*. Três anos depois, vieram os super-heróis, com a revista *Action Comics*. Além disso, a nova mídia acolheu personagens dos desenhos animados (da Disney, do Pernalonga, entre outros), histórias policiais, de terror, de western, de romance etc. (Harvey 1996)

Na década de 1940, Max Gaines abriu sua editora, a EC Comics (Educational Comics), com títulos como *Picture Stories from American History* e *Picture Stories from the Bible*, revistas que não vendiam muito bem. Quando Gaines morreu em um acidente náutico, seu filho, William Gaines, alterou o nome da editora para Entertainment Comics e criou revistas de crime e terror que se tornaram grande sucesso.

Com a paranoia da Guerra Fria, intensificou-se a campanha contra as revistas em quadrinhos nos Estados Unidos. Educadores, religiosos e pais condenavam-nas por seu conteúdo impróprio para crianças e adolescentes. O debate aumentou em 1954 com a publicação do livro *Seduction of the Innocent*, do psiquiatra alemão Fredric Wertham, que acusava essas revistas de levar os jovens à delinquência. (Beaty 2005; Hajdu 2008; Wright 2001)

O acirramento da campanha levou as editoras a formular um Código de Ética. As normas excluíam cenas de derramamento de sangue, crimes violentos, erotismo, sadismo e masoquismo, entre outras. Foi um duro golpe para os títulos de terror e crime da E.C. Comics, a mais afetada pela medida, que cancelou a maioria de seus títulos. (Nyberg 1998). Mas como humor parecia não causar preocupação, a revista *MAD*, lançada em 1952, continuou a ser publicada. E ampliou suas vendas.

Concebida pelo editor, roteirista e cartunista Harvey Kurtzman, *Tales calculated to drive you MAD* trazia paródias de filmes e programas de TV, sátiras políticas e comportamentais. Após a saída de Kurtzman, em 1955, a publicação passou de comic-book para magazine e ganhou o título *MAD*. Seus colaboradores passaram a ser “a usual gangue de idiotas” e seus trabalhos faziam uma crítica ácida às atitudes do ser humano, em especial aos estadunidenses. Para Jacobs (1972: 198):

“*Mad* é um animal estranho. Porque ela contém muitos desenhos, muita gente a chama de [revista de] quadrinhos. (...) Por atacar ambas as tendências políticas, é demonizada por todas elas. Uma vez que ataca instituições sagradas, é chamada de anti-americana. Porque se recusa a publicar pornografia, é chamada de careta. Já que ela bate em tudo, é acusada de carecer de um ponto de vista.”

A mascote da publicação sempre foi Alfred E. Neuman, figura encontrada em jornais satíricos desde o século XIX. Para Reidelbach (1991, p. 138), “Neuman tem sido o mascote e porta-voz da *Mad*, tendo aparecido na capa de quase todas as edições desde 1955. Ao longo dos anos, Neuman tem assumido mais papéis do que o mais prolífico dos atores.” Vários títulos seguiram a fórmula da *MAD*, mas sem repetir seu êxito e longevidade. Ela ainda é publicada, agora propriedade da Warner.



Figura 1. Capa da revista *MAD* que destaca Alfred E. Neuman.

PUBLICAÇÃO E PRODUÇÃO BRASILEIRA

A versão brasileira da *MAD* surgiu em julho de 1974, pela editora Vecchi, do Rio de Janeiro, que produziu 103 edições da revista, 16 livros de bolso e várias edições especiais durante uma década. Com a falência da Vecchi, a editora Record, da mesma cidade, ficou responsável pelo título (159 números da revista e diversas edições extras e especiais) de 1984 a 2000. Nesse último ano, a editora Mythos, de São Paulo, assumiu a publicação, permanecendo com ela até 2006, totalizando 46 números da revista, 15 edições especiais e 6 da versão em formatinho *MINI MAD*. Em 2008, a editora Panini, também de São Paulo, lançou a nova série. Por mais de 30 anos, o cartunista e editor brasileiro Octacílio d'Assunção Barros, conhecido como Ota, foi o responsável pela revista, tendo trabalhado em todas as editoras que a publicaram.



Figuras 2, 3, 4 e 5. Primeiros números da revista MAD publicados pelas editoras brasileiras.

A partir do número 16, de outubro de 1975, artistas locais passaram a colaborar com a *MAD*. A matéria “Mexa-se com um trânsito desses”, sobre as agruras do pedestre nas ruas das cidades, com roteiro de Carlos Eduardo Novaes e arte de Vilmar Silva Rodrigues foi a primeira. Pela *MAD* passaram veteranos como Flavio Colin e Renato Canini, além de muitos artistas estreantes.

A edição brasileira segue a mesma fórmula da estadunidense, com paródias e sátiras de comportamento e política, mas com questões sobre cultura, mídia e sociedade brasileiras. O material dos artistas do Brasil compreende capas, textos, ilustrações, cartuns e quadrinhos, que trazem elementos da vida nacional: no Brasil, Alfred E. Neuman ganha feições de Lampião, com o nome de Virgulino Neyman, caricaturado por Carlos Chagas (*MAD* 44, Vecchi); do ex-presidente Lula (*MAD* 108, Record), de setembro de 1994, com arte de Rogério W.S.; ou do palhaço e deputado Tiririca, no número 31 (Panini), de outubro de 2010, desenhado por Elias Silveira.



Figura 6. Alfred E. Neuman caracterizado como o cangaceiro Lampião.

As paródias de quadrinhos também são comuns na edição brasileira. As narrativas sequenciais de Mauricio de Sousa são questionadas do ponto de vista ideológico: o universo dos personagens da Turma da Mônica não reflete a realidade, caracterizada por pobreza e desigualdade social. Por esse motivo, a tira de Domingos Demasi e Claudio Almeida, publicada em abril de 1977, mostra Mônica (que, na paródia, é chamada de Vômica) batendo em um garoto carente.



Figura 7. Paródia dos quadrinhos da Turma da Mônica.

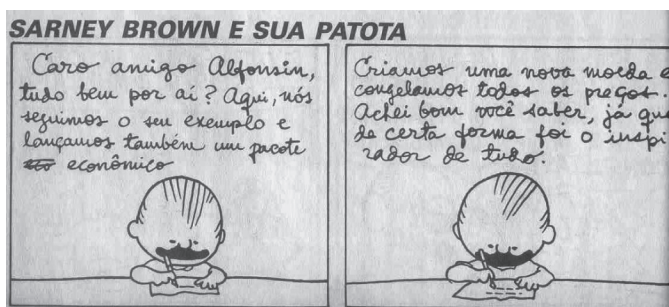


Figura 8. O ex-presidente José Sarney (1985-1990) com a aparência de Charlie Brown.

Histórias em quadrinhos abordam a política nacional. No início da chamada Nova República, em meados da década de 1980, na matéria “Se o Sarney virasse personagem de quadrinhos”, de Ota e Vilmar Rodrigues, no número 22 (Vecchi, agosto de 1986, o ex-presidente é mostrado como Pafúncio, (rebatizado de Sarnúncio), Dick Tracy (como Dick Sarneyfa) ou Garfield (com o nome de Garfney), todos com volumoso bigode. Como “Sarney Brown”, o então chefe de estado brasileiro escreve uma carta a seu colega argentino Raul Alfonsin.

O cinema brasileiro também recebeu atenção da *MAD*. A primeira paródia foi publicada em 1977 na edição 32 (Vecchi) – *Dona Flor e seus dois maridos*, dirigido por Bruno Barreto em 1976. *Central do Brasil* foi escarnecida em *O Pior do MAD in Brazil* (Record), de 2000. *Tropa de elite 2* foi explorada em setembro de 2010 na edição 30 (Panini), por Raphael Salimena. Também as paródias a produtos culturais televisivos aparecem com frequência. Os artistas subvertem tramas, diálogos e personagens das novelas. Em “Sarabandalha”, de Ota e Vilmar, na edição 27 (Vecchi, setembro de 1976), sátira à novela *Saramandaia*, de Dias Gomes, o próprio roteirista é objeto de humor: “E eu sou o Dias Gosma, o autor de toda essa besteirada! Consegui a proeza mais fantástica... reunir um punhado de clichês e personagens de minhas novelas anteriores, colocar umas cenas surrealistas no meio e obter sucesso com a crítica!” Já na paródia à novela “Pantanal” (da TV Manchete, na década de 1980), intitulada “Sacanal” – de Ota e Carlos Chagas, no número 64 (Record, julho de 1990) –, o erotismo da teledramaturgia e os flashbacks são destacados.



Figuras 9 e 10. Paródias do filme *Central do Brasil* e da telenovela *Saramandaia*.

Com o fim da ditadura, nos anos 1980, a *MAD* voltou-se para a política e a economia. Os presidentes Sarney e Collor (1990-1992), assim como a ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Melo (1990-1991), foram os políticos mais satirizados. A matéria “Quando o ‘Plano Brasil Novo’ chegar aos quadrinhos”, realizada por L. Ferreira e Nivaldo – no número 62 (Editora Record), de maio de 1990 –, coloca as agruras do povo nos personagens de tiras, mesclando crítica política e metalinguagem.



Figura 11 e 12. Página do “Relatório Ota” e capa que satiriza o Plano Collor.

No Brasil, quando a revista passou a ser publicada pela editora Panini, ela sofreu várias mudanças. Sem a presença de Ota, o periódico de humor perdeu muito de sua identidade. Ainda que mais da metade das páginas seja ocupada por artistas brasileiros, as histórias e matérias não possuem um nexo com a linha editorial, que acaba inexistindo.



Figura 14. Humor brasileiro do século XXI, vinhetas de histórias feitas por Marcatti e Marcio Baraldi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Santos (2013: 169), a publicação brasileira da *MAD* apresenta semelhanças e diferenças com a edição estadunidense. As matérias seguem estruturas similares – uma vinheta acompanhada por texto na parte inferior –, como as paródias de produtos culturais midiáticos, especialmente telenovelas, e as sátiras ao comportamento e à política. Como ocorre nos Estados Unidos, a edição brasileira tampouco tem um

estilo gráfico predominante. O que distingue a produção brasileira são os temas e referências à cultura e cotidiano do brasileiro, assim como uma abordagem mais direta em relação ao sexo.

Assim, pode-se dizer que a versão verde-amarela da revista *MAD* conseguiu, à sua moda, repetir o que o manifesto antropofágico preconizou na primeira metade do século XX no Brasil, atuando como veículo para reafirmação dos valores brasileiros nas produções culturais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEATY, BART (2005) *Fredric Wertham and the Critique of Mass Culture*. Jackson: University Press of Mississippi.
- HADJU, DAVID (2008) *The Ten-Cent Plague: The Great Comic-Book Scare and How it Changed America*. Nueva York: Picador.
- HARVEY, ROBERT C. (1996) *The Art of the Comic Book: An Aesthetic History*. Jackson: University Press of Mississippi.
- JACOBS, FRANK (1972) *The Mad World of William M. Gaines*. Secaucus: Lyle Stuart.
- NYBERG, AMY KISTE (1998) *Seal of approval: The History of the Comic Code*. Jackson: University Press of Mississippi.
- REIDELBACH, MARIA (1991) *Completely MAD: A History of the Comic Book and Magazine*. Nueva York: MJF Books.
- SANTOS, ROBERTO ELÍSIO DOS (2013) *Uma revista muito louca: Análise do humor da "MAD" magazine*. São Paulo: ECA-USP [tese de livre docência].
- WRIGHT, BRADFORD W. (2001) *Comic Book Nation: The Transformation of Youth Culture in America*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.